

Juiz de Fora, 13 a 16 de junho de 2005

**Aspectos da demografia escrava em Vila Rica – 1755-1815**

Ana Paula dos Santos Rangel  
Graduanda – UFJF

**Resumo:** Buscaremos neste texto delinear alguns aspectos da estrutura de posse e da demografia escrava na Comarca de Vila Rica, mais especificamente no termo de Vila Rica. O recorte temporal abarca os anos de 1755 a 1815, havendo uma subdivisão em dois subperíodos – 1755-1775 e 1785-1815. Estabeleceremos uma análise comparativa entre os dois períodos a fim de identificar as alterações ocorridas na composição e distribuição da população cativa e na medida do possível relacioná-las com as transformações econômicas verificadas na passagem de uma fase a outra. Os inventários *post-mortem* são as fontes que utilizamos, foram selecionados todos aqueles relativos aos anos terminados em cinco. Temos um total de 98 inventários e 680 escravos, dentre os quais 589 são descritos com informações como sexo, idade e naturalidade.

**Palavras-chave:** Vila Rica; escravidão; demografia.

## **INTRODUÇÃO**

Minas Gerais sempre sustentou uma grande população escrava desde o período colonial até a abolição. Em 1767 a Capitania contava com 126.603 escravos, o que correspondia a 60,7% da população total<sup>1</sup>. Embora o percentual de escravos no conjunto da população mineira tenha caído para 35,4% em 1821<sup>2</sup>, o contingente cativo continuou sendo o componente da mão-de-obra mais importante da economia de Minas. Em 1819 havia na província 168.543 escravos, 15,2% da população escrava do Brasil. Em 1872 essa porcentagem cresceu para 24,7%<sup>3</sup>. Assim, Minas Gerais foi, até o final do século XIX, a maior detentora de escravos do Brasil.

---

<sup>1</sup> AHU/PR/BN – MS 544 (R.84) doc. 58 *Apud*: ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de. **Homens Ricos, Homens Bons: produção e hierarquização social em Minas Colonial: 1750-1822**. Niterói, 2001. Tese de Doutorado Departamento de história – UFF, p. 53.

<sup>2</sup> *RAPM*, v.4, n.4, 732-62, 1899 *Apud*: *Idem*, p.53.

<sup>3</sup> CARDOSO E SILVA, Vera. **Revista do Departamento de História**, Belo Horizonte, n. 6, p.47-68, jul. 1988 & MARTINS, Roberto B. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v.13, n1, p. 181-209, jan/abr. 1983. *Apud*: ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de. A população escrava em Minas Gerais. **Revista Eletrônica de História do Brasil**, Juiz de Fora, UFJF, v.3, n.1 jan./ jul. 1999. p 39.

Privilegiaremos aqui a análise da população escrava na Comarca de Vila Rica, mais especificamente no termo de Vila Rica. O recorte temporal abarca os anos de 1755 a 1815, havendo uma subdivisão em dois subperíodos – 1755-1775 e 1785-1815. Temos por base a periodização proposta por Carla Almeida em *Alterações nas unidades produtivas mineiras: Mariana 1750-1850*<sup>4</sup>. O primeiro subperíodo definido pela autora vai de 1750-1779 e corresponde à etapa de “auge minerador”; o segundo corresponde à fase de “acomodação evolutiva” e vai de 1780-1822. Os inventários *post-mortem* são as fontes que utilizamos, foram selecionados todos aqueles relativos aos anos terminados em cinco existentes no Arquivo Histórico da Casa do Pilar de Ouro Preto. Temos um total de 98 inventários e 680 escravos, dentre os quais 589 são descritos com informações como sexo, idade e naturalidade. Há que se ressaltar que a documentação corresponde apenas a uma amostragem, de modo que a análise aqui feita não pode ser considerada absolutamente conclusiva.

Buscaremos delinear alguns aspectos da estrutura de posse e da demografia escrava em Vila Rica. Estabeleceremos uma análise comparativa entre os dois períodos – 1755-1775 e 1785-1815 – a fim de identificar as alterações ocorridas na composição e distribuição da população cativa e na medida do possível relacioná-las com as transformações econômicas verificadas na passagem de uma fase a outra.

## **1.VILA RICA: 1755-1815**

### **1.1 Contextualização**

A ocupação inicial da região de Vila Rica foi impulsionada pela atividade da mineração. Em 1696 a expedição comandada pelo coronel Salvador Fernandes de Mendonça encontrou a região chamada Tripuí. Em 1698 Antonio Dias de Oliveira, o Pe. João de Faria Fialho e os irmãos Camargo fundaram Vila Rica. Mas foi em 11 de julho de 1711, com a união de dois arraiais, Pilar e Antonio Dias, que a localidade foi alçada à categoria de vila. Vila Rica concentrava principalmente as atividades comerciais, enquanto os arraiais a sua volta se caracterizavam pela atividade aurífera<sup>5</sup>.

Durante o período em que a exploração do ouro era a principal atividade da economia mineira a Comarca de Vila Rica foi a que deteve o maior contingente escravo da Capitania das

---

<sup>4</sup> ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de. **Alterações nas unidades produtivas mineiras: Mariana – 1750-1850**. Niterói, 1994. Dissertação de Mestrado, DH – UFF.

<sup>5</sup> FRAGA, Ana Maria Almeida. **Cativeiro Barroco - A Escravidão Urbana nas Minas Gerais: Mariana e Ouro Preto na Primeira Metade do Século XVIII**. Vassouras, 2000. Dissertação de Mestrado, USS.

Minas. Em 1749 44,5% da população cativa de Minas Gerais estava nesta comarca <sup>6</sup>. Com o declínio da atividade aurífera e o reordenamento da economia mineira no sentido do estabelecimento de uma nova atividade principal – a agropecuária – a tendência foi de queda no número de escravos concentrado na Comarca de Vila Rica. Se em 1767 os cativos representavam 64,1%<sup>7</sup> da população total da comarca em 1821 significavam apenas 35,6%<sup>8</sup>.

A análise dos inventários revela que no termo de Vila Rica havia o predomínio das atividades urbanas sobre as rurais (ver tabela1). Esse talvez seja um fator explicativo para o significativo índice de propriedades sem escravos. Dentre os 98 inventários pesquisados 20 (20,4%) não contêm escravos. Para o primeiro subperíodo – 1755-1775 – verificamos que 19,4% das propriedades não possuíam escravos e para o segundo – 1785-1815 – chegamos ao índice de 20,9% de propriedades sem escravos. Dentre as 43 propriedades classificadas como urbanas 8 (18,6%) não possuíam escravos, 27 (62,8%) tinham entre 1 e 5 cativos, 6 (13,9%) tinham entre 6 e 10, e apenas 2 (4,7%) tinham mais de 10.

**TABELA 1: Classificação das propriedades em Rurais, Urbanas ou Comerciais: Vila Rica 1755-1815**

Período	Rurais		Urbanas		Comerciais		NE*		TOTAL	
	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%
<b>1755-1775</b>	13	41,9	14	45,2	01	3,2	03	9,7	31	100
<b>1785-1815</b>	24	35,8	29	43,3	06	8,9	08	12,0	67	100
<b>TOTAL</b>	37	37,8	43	43,9	07	7,1	11	11,2	98	100

Fonte: Inventários do I e II Ofícios do Arquivo da Casa do Pilar de Ouro Preto.

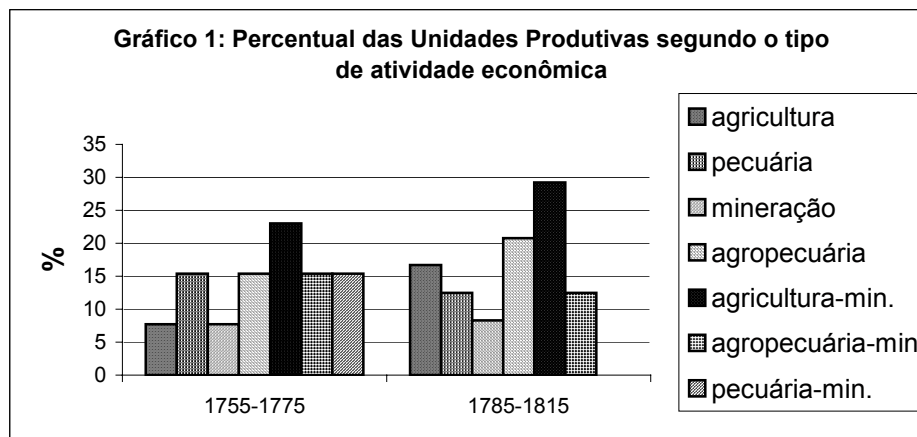
\* NE: Não enquadráveis

No que se refere às propriedades rurais, percebemos que nos dois subperíodos predomina a diversificação econômica (ver Gráfico1). Em ambos a principal atividade envolve a conjugação da mineração com a agricultura. Ademais, o percentual de Unidades Produtivas ligadas à agropecuária teve de um período a outro um significativo crescimento (de 15,4% a 20,8%). Contudo foram as atividades agrícolas as que tiveram maior crescimento – de 7,7% a 16,7%. Observamos, portanto, que após o período de “auge minerador” houve a possibilidade de uma rearticulação interna que fez da agricultura a atividade econômica de maior peso dentre as Unidades Produtivas de Vila Rica.

<sup>6</sup> Dados obtidos a partir dos registros de capitação. *Apud*: ALMEIDA, op. cit. p. 50.

<sup>7</sup> AHU/PR/BN – MS 544 (R.84) doc. 58 *Apud*: Idem, p. 53.

<sup>8</sup> *RAPM*, v.4, n.4, 732-62, 1899 *Apud*: Idem, p.53.



Fonte: Inventários do I e II Offícios do Arquivo da Casa do Pilar de Ouro Preto.

Do ponto de vista da estrutura de posse constatamos que havia em Vila Rica, em ambos os períodos, o predomínio de propriedades contendo de 1 a 5 escravos (56% e 60,4%)<sup>9</sup>. Essas, porém, detinham no primeiro subperíodo 23,6% dos cativos, havendo um decréscimo na passagem para o segundo, quando os donos de pequenos plantéis concentravam apenas 14,8% dos escravos. O movimento foi, portanto, no sentido da concentração da mão-de-obra cativa na faixa dos grandes plantéis. Se entre 1755 e 1775 os 8% de proprietários com mais de 20 cativos detinham 24,6% da mão-de-obra, entre 1785 e 1815 os 13,2% de proprietários nessa faixa detinham 57,1% dos escravos.

**TABELA 2: Estrutura de posse de escravos por faixa de plantel:  
Vila Rica (1755-1815)\***

Faixa Plantel	1755-1775				1785-1815			
	Proprietários		Escravos		Proprietários		Escravos	
	#	%	#	%	#	%	#	%
1-5	14	56	45	23,6	32	60,4	72	14,8
6-10	05	20	40	20,9	10	18,9	77	15,7
11-20	04	16	59	30,9	04	7,5	61	12,4
+20	02	8,0	47	24,6	07	13,2	279	57,1
<b>TOTAL</b>	25	100	191	100	53	100	489	100
S/E**	06	19,4	-	-	14	20,9	-	-

Fonte: Inventários do I e II Offícios do Arquivo da Casa do Pilar de Ouro Preto.

\*Para o cálculo desta tabela consideramos os dois plantéis para os quais não temos as informações de cada escravo, um com 45 e outro com 46 escravos, de modo que contabilizamos 680 cativos.

\*\*S/E: Sem escravos

<sup>9</sup> Neste sentido nossos dados estão de acordo com aqueles apresentados por Francisco Vidal Luna. Segundo o autor no ano de 1804 82,30% dos proprietários de Vila Rica tinham cinco escravos ou menos. Há que se ressaltar que o autor utiliza fonte diversa da nossa e até mais apropriada para este tipo de análise – as listas nominativas. LUNA, Francisco Vidal. “Estrutura da posse de escravos em Minas Gerais (1804)”. In: COSTA, Iraci del Nero da (org). **Brasil: História Econômica e Demográfica**. São Paulo: IPE-USP, 1986, p.163.

Dentre os médios e grandes plantéis (11-20 e + de 20 escravos respectivamente) predominam nos dois subperíodos as atividades rurais. As duas grandes propriedades encontradas para o primeiro subperíodo se dedicam à agricultura e à mineração. Dentre as sete encontradas para o segundo 3 se dedicam à agropecuária, 2 à agropecuária conjugada com a mineração, 1 à agricultura e à mineração e 1 a atividades urbanas. No caso das médias, no primeiro subperíodo 3 são rurais e 1 urbana e no segundo todas as quatro são rurais. Para o grupo dos pequenos plantéis (1-5 e 6-10 escravos) há entre 1755 e 1775 um certo equilíbrio no que diz respeito à classificação das propriedades em rurais ou urbanas – 8 são rurais, 10 são urbanas e 1 comercial. Entretanto, entre 1785 e 1815 há um predomínio significativo das atividades urbanas. Das 42 propriedades 23 são classificados como urbanas, 5 como comerciais, 12 como rurais e 2 não se enquadram na classificação proposta.

Vemos, portanto confirmado o já apontado caráter urbano de Vila Rica. Atentando para a tabela 1 percebemos que, embora tenham sofrido uma pequena queda percentual de uma fase a outra (de 45,2% a 43,3%), as atividades urbanas continuaram a predominar sobre as demais. Além disso, essa queda não decorreu do aumento no número de propriedades rurais – que na verdade sofreu queda (de 41,9% a 35,8%) – mas do aumento de proprietários dedicados ao comércio, que no primeiro subperíodo representavam 3,2% do total e no segundo 8,9%.

## **1.2 A população escrava**

Nesta seção priorizaremos a análise mais detida da população escrava em Vila Rica para a demarcação cronológica proposta (1755-1815).

No decorrer de todo o período houve a predominância numérica dos africanos entre os cativos. No segundo subperíodo verificamos, porém, um aumento do número de crioulos<sup>10</sup> e a diminuição do número de africanos em relação ao primeiro. Este é um indicativo de que, embora a reposição da mão-de-obra via tráfico tenha permanecido uma alternativa importante, houve também o crescimento vegetativo da população escrava. Ao mesmo tempo corrobora com este argumento o crescimento do percentual de crianças na passagem de um subperíodo ao outro. A possibilidade de reposição da mão-de-obra via reprodução natural também se confirma pelo aumento da porcentagem de crioulos na faixa de escravos adultos (15-40 anos).

---

<sup>10</sup> Optamos por designar os escravos nascidos no Brasil como crioulos, entretanto nos inventários eles são classificados também como pardos, mulatos e cabras.

Embora o número de africanos tenha permanecido superior, no segundo subperíodo a diferença entre os adultos africanos e crioulos cai significativamente (ver a tabela 5).

**TABELA 3: Origem da População escrava de Vila Rica (1755-1815)**

Período	Africanos		Crioulos		NCO*		TOTAL	
	#	%	#	%	#	%	#	%
1755-1775	120	62,85	70	36,65	01	0,5	191	100
1785-1815	205	51,5	183	46,0	10	2,5	398	100
<b>TOTAL</b>	325	55,0	253	43	11	2,0	589	100

Fonte: Inventários do I e II Ofícios do Arquivo da Casa do Pilar de Ouro Preto.

\*NCO: Não consta origem.

**TABELA 4: Composição da população escrava por faixa etária: Vila Rica (1755-1815)**

Faixa etária	1755-1775		1785-1815	
	#	%	#	%
0-14	36	19,90	71	23,45
15-40	123	67,95	162	53,45
>40	22	12,15	70	23,10
<b>TOTAL</b>	181	100	303	100
NCI*	10	5,25	95	23,85

Fonte: Inventários do I e II Ofícios do Arquivo da Casa do Pilar de Ouro Preto.

\*NCI: Não consta idade.

**TABELA 5: Composição da população escrava por origem e faixa etária: Vila Rica (1755-1815)**

Faixa etária	1755-1775						1785-1815					
	Africanos		Crioulos		NCO**		Africanos		Crioulos		NCO**	
	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%
0-14	01	2,75	35	97,25	-	-	02	2,80	63	88,75	06	8,45
15-40	90	73,15	32	26	01	0,85	96	59,25	66	40,75	-	-
>40	21	95,45	01	4,55	-	-	55	78,55	12	17,15	03	4,30
<b>TOTAL</b>	112	61,90	68	37,55	01	0,55	153	50,50	141	46,55	09	2,95
NCI*	08	4,20	02	1,05	-	-	52	13,1	42	10,55	01	0,25

Fonte: Inventários do I e II Ofícios do Arquivo da Casa do Pilar de Ouro Preto.

\*NCI: Não consta idade.

\*\*NCO: Não consta origem.

No que diz respeito à composição sexual da população escrava de Vila Rica verificamos a superioridade numérica dos homens sobre as mulheres durante todo o período. Quando

contabilizamos separadamente africanos e crioulos, constatamos que entre os primeiros o percentual de homens, como era de se esperar, era esmagadoramente maior, porém entre os segundos o percentual de mulheres foi sempre maior. Isso decorre, muito provavelmente, da preferência por escravos do sexo masculino na aquisição via mercado externo e do crescimento vegetativo entre a população crioula (neste último caso a possibilidade de nascimento de homens e mulheres se equivale).

Os dados até aqui apresentados estão em certa consonância com as conclusões tiradas por Eduardo França Paiva para as Comarcas do Rio das Mortes e do Rio das Velhas no período dos setecentos. Segundo o autor:

*A composição geral da escravaria nas duas regiões estudadas pode, então, ser assim resumida: formada por uma maioria de homens africanos (oriundos em grande parte da Costa da Mina e de Angola), mas contando, também com uma terça parte constituída por homens e mulheres cativos nascidos na Colônia, em número quase idêntico.*<sup>11</sup>

**TABELA 6: Composição da população escrava por sexo:  
Vila Rica (1755-1815)**

Período	Homens		Mulheres		NI*		TOTAL	
	#	%	#	%	#	%	#	%
1755-1775	138	72,25	52	27,25	01	0,50	191	100
1785-1815	262	65,80	136	34,20	-	-	398	100
<b>TOTAL</b>	400	67,90	188	31,90	01	0,20	589	100

Fonte: Inventários do I e II Ofícios do Arquivo da Casa do Pilar de Ouro Preto.

\*NI: Não identificados

**TABELA 7: Composição da população escrava africana por sexo:  
Vila Rica (1755-1815)**

Período	Homens		Mulheres		NI*		TOTAL	
	#	%	#	%	#	%	#	%
1755-1775	104	86,65	15	12,50	01	0,85	120	100
1785-1815	169	82,5	36	17,5	-	-	205	100
<b>TOTAL</b>	273	84	51	15,7	01	0,3	325	100

Fonte: Inventários do I e II Ofícios do Arquivo da Casa do Pilar de Ouro Preto.

\*NI: Não identificados

<sup>11</sup> PAIVA, Eduardo França, **Escravidão e Universo cultural na Colônia: Minas Gerais, 1716-1789**. Belo Horizonte: editora da UFMG, 2001, p.119.

**TABELA 8: Composição da população escrava crioula por sexo:  
Vila Rica (1755-1815)**

Período	Homens		Mulheres		NI*		TOTAL	
	#	%	#	%	#	%	#	%
1755-1775	33	47	37	53	-	-	70	100
1785-1815	85	46,5	98	53,5	-	-	183	100
<b>TOTAL</b>	118	46,65	135	53,35	-	-	253	100

Fonte: Inventários do I e II Ofícios do Arquivo da Casa do Pilar de Ouro Preto.

\*NI= Não identificados

Do ponto de vista do estabelecimento de laços entre os escravos, os inventários revelam índices baixíssimos de parentesco (ver tabela 9). Embora, o tipo de fonte por nós utilizada não seja a mais apropriada para este tipo de análise podemos tirar algumas conclusões a partir das informações que temos. O primeiro fator explicativo aventado por nós para o pequeno número de parentes entre os escravos contabilizados foi o grande número de pequenos plantéis. Estes são freqüentemente apontados como obstáculos para o processo de formação de famílias, em vista do pequeno número de escravos que apresentam. Todavia, observamos que o acréscimo no percentual de laços de parentesco – de um período para o outro vão de 3,4% para 8% – ocorre paralelamente ao aumento do número de pequenos plantéis. Pelo visto, então, não houve tanta dificuldade assim na formação de laços de parentesco nos plantéis com de 1 a 10 escravos, pelo menos não no segundo subperíodo.

Talvez, o que possa lançar luz sobre este aspecto é a consideração do número de mulheres presentes dentre os grandes e médios e os pequenos plantéis. Em ambos os subperíodos a faixa dos grandes e médios plantéis teve predominância numérica dos homens sobre as mulheres. Entre 1755 e 1775 os do sexo masculino representavam 69,8% dos escravos naquela faixa de plantel e entre 1785 e 1815 73,1%<sup>12</sup>. No caso dos pequenos plantéis há uma tendência ao equilíbrio entre os gêneros na passagem de um período ao outro. Para o primeiro verificamos que os homens eram 75,3% dos escravos<sup>13</sup>, para o segundo estes representavam 53,7%, enquanto que as mulheres 46,3%. A presença de mulheres num plantel determina as possibilidades de formação de famílias, quanto mais mulheres maiores as chances de haver aparentados. Portanto, no primeiro subperíodo é natural que 70% dos aparentados estivessem na faixa dos grandes e médios plantéis, afinal estes apresentavam um número maior de escravas. Para o segundo período com o aumento do número de mulheres entre os

<sup>12</sup> As mulheres representavam 30,2% e 26,9%, respectivamente, dos cativos.

<sup>13</sup> As mulheres eram 23,5% e para 1,2% não há identificação do sexo.



pequenos plantéis não é de admirar que aumentassem aí as possibilidades de estabelecimento de laços de família (68% dos aparentados estão nessa faixa). De fato, predominam nestes plantéis famílias formadas apenas por mães que têm de um a três filhos.

**TABELA 9: Frequência de laços de parentesco entre os escravos nos Inventários de Vila Rica – 1775-1815**

Período	# Escravos	# Parentes	% Parentes
1755-1775	191	20	3,4
1785-1815	398	47	8,0
<b>TOTAL</b>	<b>589</b>	<b>67</b>	<b>11,4</b>

Fonte: Inventários do I e II Ofícios do Arquivo da Casa do Pilar de Ouro Preto.

Famílias nucleares, formadas, por pais, mães e filhos, foram encontradas apenas entre os crioulos. São duas: uma no primeiro subperíodo – localizada num inventário de 1775 – e uma no segundo – encontrada num processo de 1815. O casal João e Maria era escravo do Tenente José Pereira Passos, morador na Paragem do Bocaiúva e fazia parte de um plantel de 24 escravos. Em 1775 eles tinham oito filhos, quatro meninas e quatro meninos, a mais velha, Maria Cabra, tinha 17 anos e os mais novos, os gêmeos Rita e Antônio, tinham três meses. Todos os filhos do casal foram anotados como cabras<sup>14</sup>. Este, segundo Mary Karasch, *parece ter sido um termo pejorativo para escravos de raça mista*.<sup>15</sup> Nesse caso a designação define a mistura de um mulato com uma crioula.

A segunda família se insere num plantel de oito escravos. É formada pelo crioulo Thomaz, sua esposa, a mulata Maria, e pela filha do casal Felizarda, de um ano de idade. Esta também é anotada como cabra, seguindo o padrão encontrado no caso da primeira família para classificar os filhos frutos da união de mulatos com crioulos. O casal e sua filha eram propriedade de João de Oliveira Silva, morador na Freguesia de Itaverava. A dita família vivia na Fazenda do Tanque, unidade produtiva dedicada à agricultura e à mineração<sup>16</sup>.

É digno de nota que dentre os africanos com laços de parentesco todos são mulheres, mães de filhos aqui nascidos. Nenhuma delas é descrita como tendo um cônjuge, não se descarta, porém, a possibilidade de que tivessem uma união consensual. Anna, escrava de Manoel Machado Pereira, morador no Arraial do Tacoara, preta mina, era mãe de três filhos – Maria (de 5 anos), Patrício (de 3) e Ifigênia (de seis meses). A primeira filha foi registrada no

<sup>14</sup> Inventário *post-mortem* de José Pereira Passos, 1775, Arquivo Histórico da Casa do Pilar de Ouro Preto (MG).

<sup>15</sup> KARASCH, Mary. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro, 1808-1850**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 39.

<sup>16</sup> Inventário *post-mortem* de João de Oliveira Silva, 1815, Arquivo Histórico da Casa do Pilar de Ouro Preto (MG).

inventário como mulata já os outros dois foram anotados como crioulos<sup>17</sup>. Segundo Mary Karasch, a divisão dos escravos no Rio de Janeiro no século XIX era feita pelo local de nascimento – África ou Brasil. Sendo que logo após os senhores faziam uma nova classificação, na qual os nascidos no Brasil eram divididos por cor. Através da leitura dos Livros de Batismo da Cúria do Rio de Janeiro dos anos de 1718 a 1760, Mariza Soares chega a conclusão semelhante para o século anterior – os escravos nascidos no âmbito da sociedade colonial eram organizados por critério de cor<sup>18</sup>.

Os termos designativos variavam entre crioulo, pardo ou mulato e cabra. Segundo Karasch um mulato era *uma pessoa de pais africanos e europeus*<sup>19</sup>. Portanto, possivelmente, a preta mina Anna teve sua primeira filha com um homem branco. Patrício e Ifigênia provavelmente eram filhos de um outro pai, negro. Se pudermos explorar mais nossos indícios e ir um pouco mais longe em nossas especulações, talvez o outro companheiro de Anna estivesse entre os demais cativos do plantel. Dos nove escravos de Manuel Machado Pereira apenas os três filhos de Anna haviam nascido no Brasil, os demais eram todos africanos, homens, de “nação” angola. Se um deles fosse realmente parceiro de Anna teríamos aí um relacionamento intergrupo de procedência – uma mina com um angola. De fato no segundo subperíodo – onde se insere o inventário de Manoel Machado Pereira – os africanos mina não poderiam ter grande expectativa de estabelecerem uniões dentro do seu grupo de procedência, pois neste predominam entre os escravos africanos os angolas (39%). Mas nem sempre foi assim.

**TABELA 10: Frequência de laços de parentesco entre os escravos nos Inventários de Vila Rica segundo a origem – 1775-1815**

Período	Parentes							
	Africanos		Crioulos		NCO*		TOTAL	
	#	%	#	%	#	%	#	%
1755-1775	04	20	16	80	-	-	20	100
1785-1815	06	12,8	40	85,1	01	2,1	47	100
TOTAL	10	14.9	56	83.6	01	1.5	67	100

Fonte: Inventários do I e II Ofícios do Arquivo da Casa do Pilar de Ouro Preto.

\*NCO: Não consta origem.

Observamos uma inflexão na passagem de um período ao outro no que diz respeito à região africana de origem predominante entre os escravos. Entre 1755 e 1775, embora

<sup>17</sup> Inventário *post-mortem* de Manoel Machado Pereira, 1785, Arquivo Histórico da Casa do Pilar de Ouro Preto (MG).

<sup>18</sup> KARASCH, op. cit. p.36 & SOARES, Mariza Carvalho. **Devotos da cor: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVII** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p.96.

<sup>19</sup> KARASCH, op. cit., p. 38.

houvesse um relativo equilíbrio, a maioria dos escravos africanos procedia da África Ocidental – Costa da Mina, Ilhas de Cabo Verde, Baía de Benin e Calabar. Nesta fase as principais “nações” eram a mina (35,8%) e a angola (27,5%), com superioridade da primeira, o restante dos escravos tinham uma classificação fragmentada que evocava designações diversas – benguelas, banguelas, congos, cassanges, nagôs, couranos, sabarus, e assim por diante (ver Apêndice 1). No período de 1785 a 1815 há uma drástica inversão neste quadro. Nesta etapa 83,4% dos escravos africanos vem da África Centro-ocidental (Congo, Angola e Benguela). Os angolas predominam neste momento, representando, como já mencionado 39% dos cativos africanos, os mina passam agora a representar apenas 10,25% destes. Verificamos, ainda, o crescimento dos africanos designados como benguela, na primeira fase eles representavam apenas 3,3% dos cativos e na segunda 27,8%, só ficando atrás dos angolas.

As designações dadas aos escravos africanos eram, na verdade, externas, criadas pelo colonizador. Marina de Mello e Souza destaca que “nação” *era um conceito utilizado pelos colonizadores para classificar os escravos traficados, geralmente acrescentando-se ao nome cristão do escravo a nação a ele atribuída*<sup>20</sup>. Todavia, esta classificação acabava por se tornar um fator identitário entre a população cativa. Mariza Soares afirma que *a procedência é uma forma de identificação atribuída, que o próprio grupo internaliza, passando então a se organizar segundo seu formato*<sup>21</sup>. A autora utiliza o conceito de “grupo de procedência”, privilegiando as novas condições de vida, baseadas na experiência do cativo, na análise do processo de reorganização dos diversos grupos étnicos africanos transferidos para o Brasil. As fontes por nós utilizados não nos permitem ir muito longe na análise dos “grupos de procedência” encontrados em Vila Rica. Não podemos identificar de que forma se deu entre os cativos das Minas esse processo de internalização da designação atribuída e de posterior organização coletiva com base nesta. Entretanto, é sugestivo o fato de encontrarmos uma maioria africana entre os cativos incluídos em nossa amostra e ainda mais a diversidade de “nações” dentro deste grupo. Há, portanto, potencial de pesquisa para o tema das relações entre as nações/etnias africanas nas Minas. Pode-se, para tal abordagem, partir-se da incorporação de uma documentação mais vasta, que pode incluir os registros paroquiais<sup>22</sup>.

De outro ponto de vista, a variação no que diz respeito à região de procedência pode também indicar uma mudança nas rotas do tráfico. A rota África Ocidental-Rio não teve grande destaque considerado o conjunto da América Portuguesa, segundo Manolo Florentino ela

---

<sup>20</sup> MELLO E SOUZA, Marina. **Reis negros no Brasil escravista**. Belo Horizonte: editora da UFMG, 2002, p. 140.

<sup>21</sup> SOARES, op. cit. p. 117

<sup>22</sup> Para uma discussão sobre o potencial dos assentos batismais como fontes para esta temática ver: *Idem* pp. 95 e 96.

findou em 1816<sup>23</sup>. Contudo, conforme aponta Mariza Soares, houve *um fluxo comercial regular entre a Costa da Mina e o Rio de Janeiro feito por comerciantes “moradores” desta cidade*<sup>24</sup>. Assim, parte dos minas encontrados em Vila Rica no primeiro subperíodo poderiam ser provenientes de remessas enviadas de navios vindos da Costa da Mina e aportados no Rio de Janeiro. Entretanto, mais provavelmente, este contingente tinha origem no trânsito de escravos entre as capitanias pelo caminho que liga a Bahia a Minas. Segundo Mariza Soares *Por essa rota vão às minas em torno de 2.000 cativos por ano. Cerca de 40% dos escravos desembarcados em Salvador vão para as minas entre os anos de 1728 e 1748*<sup>25</sup>. A Bahia, no século XVIII, comercializava escravos predominantemente com a Costa Ocidental<sup>26</sup>, daí que os cativos procedentes desta região encontrados em nossa amostra para os anos de 1755-1775 viessem, com maior probabilidade, da capitania nordestina.

A predominância de cativos vindos dos portos da África Centro-ocidental para o nosso segundo subperíodo revela que Minas Gerais, neste momento, passou a se abastecer de escravos através da rota marítima que passava pelo Rio de Janeiro. Conforme aponta Manolo Florentino, entre os anos de 1795 e 1830, a maioria dos negreiros aportados no Rio – 82 % – provinham de portos congo-angolanos<sup>27</sup>.

**TABELA 11: Região de origem dos escravos africanos: Vila Rica 1755-1815**

Período	África Centro-Ocidental		África Ocidental		África Oriental		NI*		TOTAL	
	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%
<b>1755-1775</b>	56	46,7	61	50,8	-	-	03	2,5	120	100
<b>1785-1815</b>	171	83,4	23	11,2	01	0,5	10	4,9	205	100
<b>TOTAL</b>	227	69,9	84	25,8	01	0,3	13	4,0	325	100

Fonte: Inventários do I e II Ofícios do Arquivo da Casa do Pilar de Ouro Preto.

\*NI: Não identificados.

<sup>23</sup> FLORENTINO, Manolo. **Em costas negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e Rio de Janeiro – 1790-1830**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 79.

<sup>24</sup> SOARES, op. cit. p. 76.

<sup>25</sup> *Idem*, p. 248.

<sup>26</sup> Segundo Sturat Schwartz: *no século XVI predominaram [entre os africanos desembarcados na Bahia] os povos da Senegâmbia, no XVII, os de Angola e Congo, e no XVIII, da Costa da Mina e do Golfo de Benin*. SCHWARTZ, Sturat B. **Segredos Internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 282.

<sup>27</sup> FLORENTINO, op. cit. p. 234.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise dos dados levantados a partir dos inventários *post-mortem* pode ser a base para uma reflexão mais profunda. As informações quantitativas auxiliam no sentido de traçar um perfil mais geral da população escrava e de estabelecer as condições em que esta vivia.

Vila Rica era, entre os anos de 1755 e 1815, eminentemente urbana. Predominavam os pequenos plantéis. Os médios e grandes eram, geralmente empregados em atividades rurais. Durante todo o período tratado houve mais africanos entre a população escrava da vila. Constatamos, todavia, que no segundo período considerado o número de crioulos sofreu aumento. Entre os africanos as mulheres sempre foram a minoria, enquanto que entre os crioulos representaram a maioria nos dois subperíodos. Nos confrontamos, ainda, com baixos níveis de parentesco. Do ponto de vista da região de origem dos cativos africanos verificamos que no primeiro subperíodo eles vinham predominantemente da África Ocidental e no segundo da África Centro-Ocidental. Quanto aos grupos de procedência na primeira etapa havia superioridade numérica dos mina e na segunda dos angola.

A partir deste quadro podemos refletir sobre que chances estas pessoas teriam de estabelecer laços de sociabilidade no interior do cativeiro. Embora nossas fontes não tenham demonstrado que havia grandes possibilidades de formação de parentesco, não podemos desconsiderar a probabilidade de haver laços não oficiais e, portanto, ocultos nos inventários. Além disso, a família não era a única opção na busca para garantir solidariedades. Havia outros mecanismos disponíveis, como, por exemplo, as irmandades de negros e pardos. Estas eram espaços que possibilitavam a organização dos escravos a partir de critérios diversos, como a cor ou a procedência. Os muitos escravos africanos encontrados em nossa amostragem podem ter tido nas irmandades a oportunidade de se reorganizar a partir da nova situação com a qual se defrontavam. Os diversos grupos podem ter estabelecido uma identidade comum de acordo com a “nação” a eles atribuída, o que pode ter se refletido no interior das irmandades.

O que estamos querendo explicitar nessas considerações é que a realização de um trabalho de demografia escrava pode, para além das conclusões que se possam tirar, instigar o pesquisador e o levar a uma série de questionamentos. Abre-se a oportunidade de ir mais longe e de, através da incorporação de novas fontes, analisar mais profundamente as estratégias que os escravos utilizavam para melhorarem de alguma forma sua vivência. É claro que suas possibilidades variavam segundo a localidade em que se encontravam – em Vila Rica o quadro era diverso daquele apresentado no Rio de Janeiro, por exemplo – mas não se pode negar que os escravos puderam aproveitar-se das brechas do sistema e interferir no mundo a sua volta.

**Apêndice 1: Nações/Etnias encontradas nos inventários por região da África**

<b>Nações/Etnias</b>	<b>1755-1775</b>	<b>1785-1815</b>	<b>TOTAL</b>
<b>África Ocidental</b>	<b>61</b>	<b>23</b>	<b>84</b>
Mina	43	21	64
Nagô	05	01	06
Courano	03	-	03
Cabu	02	-	02
Mina-cafu	02	-	02
Mina-lodano	02	-	02
Mina-nagô	01	-	01
Dagomé	-	01	01
Cabo Verde	01	-	01
Xambá	01	-	01
Sabaru	01	-	01
<b>África Centro-Ocidental</b>	<b>56</b>	<b>171</b>	<b>227</b>
Angola	33	80	113
Benguela	04	57	61
Congo	06	17	23
Banguela	09	-	09
Rebolo	01	05	06
Cabinda	-	05	05
Ganguela	02	02	04
Cassange	-	04	04
Monjolo	-	01	01
Bangala	01	-	01
<b>África Oriental</b>	<b>-</b>	<b>01</b>	<b>01</b>
Moçambique	-	01	01
<b>Região não Identificada</b>	<b>03</b>	<b>10</b>	<b>13</b>
Candimba	-	02	02
Camoim	-	01	01
Loda	01	-	01
Majumbe	-	01	01
Mofuni	-	01	01
Mussonjo	-	01	01
Sabará	-	01	01
Timbu	01	-	01
Negra	01	-	01
De nação	-	03	03
<b>TOTAL</b>	<b>120</b>	<b>205</b>	<b>325</b>

Fonte: Inventários do I e II Offícios do Arquivo da Casa do Pilar de Ouro Preto.